

**Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH)
Departamento de Ciências Sociais (DCSo)**

AMANDA FINOTTI LAGOS FERREIRA

**CUIDADO E PRECARIIDADE EM ANNA TSING E MARIA PUIG DE LA
BELLACASA**

São Carlos - SP

2023

Amanda Finotti Lagos Ferreira

**CUIDADO E PRECARIIDADE EM ANNA TSING E MARIA PUIG DE LA
BELLACASA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos para a obtenção do Grau em Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa Dra. Catarina Morawska Vianna

Co-orientador: Prof. Dr. Pedro Augusto Lolli

São Carlos - SP
2023

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Federal de São Carlos e a todas e todos, humanos e outros-que-humanos, que refazem, criativa e diariamente, este espaço de encontro, experimentação e invenção.

Aos coletivos que me acompanharam nos últimos anos e me aproximaram do tema do cuidado: Grupo de Trabalho de Redução de Danos da UFSCar e Recanto.

A todas as amizades-amores que doaram tempo ao me ler, escutar, instigar, acolher, levar, acompanhar, divertir, cuidar.

Aos colegas de curso, pela caminhada conjunta.

A todas e todos docentes, que me ensinaram que a Antropologia nos ajuda a estar e viver implicadamente nos mundos que criamos.

Pelas leituras e sugestões, agradeço ao professor Pedro.

Pelos diálogos, encontros, confiança e técnica: à professora Catarina e colegas do Laboratório de Experimentações Etnográficas (LE-E).

À FAPESP, pelo financiamento da minha pesquisa.

RESUMO

Título: Cuidado e precariedade em Anna Tsing e Maria Puig de la Bellacasa

Resumo: O presente trabalho é uma composição formada por i. um projeto de iniciação científica apresentado à FAPESP (processo: 2022/05836-9); ii. uma resenha da obra “Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds”, de Maria Puig de la Bellacasa (2017) e iii. um artigo intitulado “Uma ética do cuidado multiespecífica frente à precariedade: diálogo entre Anna Tsing e Maria Puig de la Bellacasa”. A relação entre cuidado e agência não-humana atravessa os três textos, que, encadeados, buscam mostrar o processo de construção de um diálogo entre as obras de Anna Tsing (2015, 2022) e Maria Puig de la Bellacasa (2017), o qual apresenta sua forma final no artigo. O projeto de pesquisa, dentre outros objetivos, buscava investigar comparativamente a noção de cuidado em Annemarie Mol (2008) e Puig de la Bellacasa (2017). A resenha se aprofunda sobre as principais ideias e interlocuções de Puig de la Bellacasa (ibidem) em sua discussão sobre o cuidado. Por fim, o artigo demonstra as aproximações e distâncias entre as etnografias de Puig de la Bellacasa (ibidem) e Anna Tsing (2015, 2022) em uma elaboração sobre as relações possíveis entre “precariedade” e “cuidado”.

PALAVRAS-CHAVE: cuidado; precariedade; agência não-humana; etnografias multiespecíficas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Costurando um trabalho de conclusão de curso.....	08
CAPÍTULO 1: Projeto de pesquisa de iniciação científica apresentado à FAPESP.....	12
1.1.: Resumo.....	12
1.2.: Introdução.....	13
1.3.: Revisão bibliográfica e Justificativa	15
1.4.: Objetivos	22
1.5.: Plano de trabalho e Cronograma	22
1.6.: Material e métodos e Resultados esperados	23
CAPÍTULO 2: Resenha da obra “Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds”, de Maria Puig de la Bellacasa (2017).....	25
CAPÍTULO 3: Artigo “Uma ética do cuidado multiespecífica frente à precariedade: diálogo entre Anna Tsing e Maria Puig de la Bellacasa”.....	31
3.1.: Resumo e palavras-chave.....	31
3.2.: Introdução	32
3.3.: Paisagens de cuidado, paisagens de precariedade	33
3.4.: Cuidar da terra, cuidar das pessoas, devolver o excedente	36
3.5.: Viver-com nas ruínas	39
3.6.: Humanos como participantes da paisagem	40
3.7.: Considerações finais	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

Costurando um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

O presente trabalho é uma reunião de três peças técnicas textuais escritas por mim no período compreendido entre setembro de 2021 e julho de 2023: i. um projeto de pesquisa de iniciação científica aprovado pela FAPESP em julho de 2022; ii. uma resenha da obra “Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds”, de Maria Puig de la Bellacasa (2017) e iii. um artigo sintetizando as perguntas e conclusões de tal pesquisa, que teve vigência entre 01/09/2022 e 31/08/2023.

A proposta em apresentar um trabalho final de curso composto pelas minhas produções textuais ao longo dos últimos anos teve como objetivo exercitar a escrita acadêmica em distintos formatos, bem como produzir uma reflexão final sobre o próprio escrever. Embora goste de tal atividade e me sinta familiarizada a ela enquanto linguagem - tanto para fins de pesquisa, como para outros - só tive contato direto com a elaboração técnica de um projeto, de uma resenha e de um artigo durante os meses nos quais realizei iniciação científica.

Por isso, foi um caminho de muitos meandros o de compreender as distinções entre esses e os formatos os quais nos acostumamos ao longo da graduação, como os resumos, os fichamentos e os ensaios. A atividade de circunscrever e defender um argumento para um artigo a partir de uma pesquisa totalmente teórica também foi desafiador. Em muitos momentos, pensava que só “descobria” o que queria escrever, escrevendo. A técnica da escrita, fui percebendo, não é exatamente o fio condutor do argumento, ela é o próprio argumento. É preciso escrever para fazê-lo ser.

As peças estão aqui dispostas em sua ordem cronológica de feitura. Não as elenco, necessariamente, em graus crescentes de dificuldade, embora acredite que escrever um projeto auxilia na escrita de uma resenha, que, por sua vez, na de um artigo. Observo que cada formato exigiu um trato diferente do mesmo texto; ou leituras que eram feitas a partir de perguntas distintas. O guia de cada uma era aquilo que eu buscava com cada peça individualmente. No projeto, enquanto texto

destinado ao parecer de uma agência fomentadora, houve a necessidade de expor meu conhecimento acerca do campo de pesquisa, o que implicou em uma revisão bibliográfica e citações de nomes importantes da área, a partir de um certo ritmo cíclico na apresentação das justificativas e objetivos. No entanto, escrever uma resenha não passa pelos mesmos lugares, já que o texto nos pede outras coisas. Uma atenção maior à apresentação da autora resenhada, suas interlocuções teóricas e principais ideias foram os focos da minha escrita. E, por fim, o artigo - escrito entre os meses de março e julho de 2023 - diferentemente dos dois anteriores, é o texto no qual sinto que a minha voz está mais presente. Embora eu também seja a autora do projeto e da resenha, o compromisso principal do artigo foi o desenvolvimento e exposição do meu próprio argumento, que foi se construindo ao longo da escrita dos outros textos e das mudanças de rota guiadas pelos interesses que daí surgiam.

Assim, neste trabalho de conclusão de curso, primeiro apresento meu projeto de pesquisa de iniciação científica, aprovado pela FAPESP em julho de 2022 (processo: 2022/05836-9). Ele começou a ser escrito em setembro de 2021, meses depois de ter concluído a disciplina optativa “Antropologia da Saúde”, ministrada pelo professor Pedro Lolli. Ali, lia pela primeira vez “O Manifesto Ciborgue”, de Donna Haraway; “O Nascimento da Clínica”, de Michel Foucault; e “O Manifesto Contrassexual”, de Paul Preciado; e me interessava cada vez mais pelo pensamento pós-humanista, os estudos feministas e de gênero e por questões envolvendo as ciências sociais e a saúde.

O cuidado, tema de interesse que atravessa a escrita das peças aqui apresentadas, me acompanha desde minhas vivências com grupos multidisciplinares na interface entre as ciências humanas e da saúde. Um deles foi minha participação enquanto extensionista do Grupo de Trabalho de Redução de Danos da UFSCar, o qual fiz parte de agosto de 2020 até novembro de 2022. As atividades do projeto - que foi composto por estudantes da psicologia, medicina, filosofia, terapia ocupacional, enfermagem, ciências sociais e artes do corpo - envolviam comunidade interna e externa na realização de formações, intervenções e eventos sobre as temáticas da saúde mental, cuidado e gestão de prazeres envolvendo uso(s) de substâncias psicoativas, sempre na perspectiva ético-política da Redução de Danos. Outra importante experiência que vivi ao longo da graduação

foi minha atuação com a Recanto, grupo que realiza serviços de acolhimento em eventos universitários. Suas atividades envolvem primeiros encaminhamentos e orientações em casos de violência e crises emocionais ocorridos em festas, auxiliando na criação e afirmação de espaços de lazer e prazer seguros, especialmente para mulheres, pessoas racializadas e LGBTQIAP+.

Ambas as atuações me permitiram ter dimensão dos múltiplos sentidos que o “cuidado” pode ter: é uma disposição afetiva, um trabalho indispensável (nem sempre reconhecido) e uma ética.

A partir disto, nas primeiras conversas com o professor Pedro acerca da possibilidade de escrever um projeto de iniciação científica envolvendo o cuidado, conheci o trabalho de Annemarie Mol, filósofa holandesa proeminente no Science and Technology Studies (STS), muito influenciada pelos trabalhos de Bruno Latour e Judith Butler. Interessou-me, especialmente, sua obra “The Logic of Care: Health and the Problem of the Patient Choice” (2008), na qual a autora realiza uma etnografia em uma clínica para pacientes com diabetes, buscando compreender como o cuidado ali era “feito” (“enacted”), por uma variedade de humanos e não-humanos.

Logo depois, se deu meu encontro com a professora Catarina Morawska Vianna (que se tornou minha orientadora), a qual me apresentou a possibilidade de estudar o tema do cuidado comparativamente com a obra “Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds”, (2017), da filósofa Maria Puig de la Bellacasa. Neste, um texto mais recente que começava a ser lido pela antropologia brasileira, a autora busca repensar a categoria “cuidado” em mundos mais-que-humanos, articulando pensamento pós-humanista com a ética feminista do cuidado. Foi, portanto, a partir dessas duas leituras principais que meu projeto foi elaborado.

Já no capítulo 2 apresento a minha resenha final da obra “Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds”, (2017). Comecei a escrevê-la em outubro de 2022, como um exercício proposto pela professora Catarina a fim de estudo e familiarização com as discussões do texto de Puig de la Bellacasa. O mesmo foi feito com as obras “The logic of care: health and the problem of patient choice” (Mol, 2008) e “Care in Practice: On Tinkering in Clinics, Homes and Farms” (Mol; Moser; Pols; 2010). A versão que aqui se encontra é resultado de comentários,

sugestões e revisões gentilmente feitas por Larissa Moreira Portugal e pela professora Catarina. Enviei-a à Revista de Antropologia da UFSCar (R@U) no fim de 2022 e esta foi publicada em julho de 2023, integrando o dossiê “Quais Mundos em Ruínas? O Antropoceno em Questão”.¹

Por fim, no capítulo 3, há o meu artigo, intitulado “Uma ética do cuidado multiespecífica frente à precariedade: diálogo entre Anna Tsing e Maria Puig de la Bellacasa”. Ele é o produto da minha aproximação e interesse por Anna Tsing, outra autora que, assim como Puig de la Bellacasa, está também investida em etnografias multiespecíficas. Ao longo da pesquisa, meu foco no tema do cuidado foi se articulando e se identificando com as discussões, dentro do STS, sobre a crise ecológica e a colaboração multiespecífica frente ao Antropoceno. Descobrir a obra de Tsing em uma disciplina optativa, “Antropologia do Desenvolvimento”, me fez ficar instigada em pensar quais as complementaridades poderiam ter suas etnografias com as de Puig de la Bellacasa. Tais aproximações e distanciamentos tento explicitar ao longo do artigo, assim como defender que ambas nos fornecem ferramentas e narrativas muito interessantes e “aterradas” (“grounded”) para se pensar o cuidado e a precariedade em um mundo nos quais outras habitabilidades mais-que-humanas se fazem urgentes.

¹ O dossiê “Quais mundos em ruínas? O Antropoceno em questão” corresponde ao Volume 14, Número 2, de julho – dezembro de 2022 da Revista de Antropologia da UFSCar (R@U). Está disponível em:<<http://www.rau.ufscar.br/?p=1940>> Acesso em 11 de julho de 2023.

CAPÍTULO 1: Projeto de pesquisa de iniciação científica apresentado à FAPESP

Título: Cuidado e agência mais-que-humana em Annemarie Mol e Maria Puig de la Bellacasa

1.1.: Resumo:

O cuidado, categoria polissêmica e de difícil definição, aparece como central em muitos estudos das ciências sociais e da saúde, bem como inserido nos debates feministas sobre a divisão do trabalho. Tem sido paulatinamente estudado no campo dos estudos sociais da ciência e tecnologia (MARTIN; MYERS; VISEU, 2015; LINDÉN; LYDAHL, 2021). Dentre as pesquisadoras do campo, Annemarie Mol e María Puig de la Bellacasa vêm se tornando referências no tema. A partir de uma revisão bibliográfica das etnografias conduzidas por tais autoras - em hospitais de referência no tratamento de pacientes com doenças crônicas e em comunidades de permacultura - este projeto tem como objetivo investigar e comparar como a noção de “cuidado” se situa em suas pesquisas e o papel da agência mais-que-humana no fazer existir (*enactment*) deste. A agência mais-que-humana diz respeito, em cada cenário, a uma teia heterogênea e multiespécies de agentes como micro-organismos, animais, protozoários, algas; bem como máquinas, técnicas, tecnologias de diagnóstico e muitos outros. Orientando-se pela pergunta: o que há de comum entre o *fazer cuidado* nos hospitais de atenção a pacientes crônicos e nas comunidades de permacultura?, a pesquisa pretende também compreender e exemplificar como as autoras tensionam a oposição entre tecnologia/tecnociência “fria” e “artificial” e cuidado “afetuoso” e “humano”, bem como explorar a perspectiva feminista de ambas dentro dos estudos sociais da ciência e tecnologia.

Palavras-chave: Antropologia da ciência e tecnologia; cuidado; agência não-humana

1.2.: Introdução

Nas últimas duas décadas, houve um crescimento da produção de análises sobre o cuidado em diferentes áreas do conhecimento, como as ciências sociais, a saúde coletiva, a psicologia e a enfermagem (Mon; Longhi, 2020), bem como a expansão de seu significado conceitual (Alber; Drotbohm, 2015). Mesmo que utilizemos genericamente o termo em nosso cotidiano, muitas perguntas ainda podem ser feitas nos cenários nos quais o “cuidado” se faz presente: ele é um sentimento? Uma prática? Uma disposição moral? Um trabalho?

No Brasil, destacamos pesquisas envolvendo, por exemplo, desigualdades sociais - de gênero, raça e classe social - imbuídas na divisão do trabalho do cuidado (Hirata, 2016) e de sua precarização (Hirata; Guimarães, 2012); como também, segundo Spink (2015), as que inserem a noção no debate sobre integralidade e humanização na atenção à saúde.

Em sua característica intrinsecamente relacional (Tronto, 2010), há de se perguntar também quais as dinâmicas das relações entre cuidados/as e cuidadores/as. Como nos indicam Mon e Longhi (2020), a antropologia tem ferramentas privilegiadas para acesso e análise dos microespaços, onde as relações de cuidado se fazem. Por isso, somos capazes de conhecer

as estratégias, os recursos e o gerenciamento do tempo, nas práticas do cuidado (...) [e] perceber como operam as relações de poder, as lógicas morais e as hierarquizações construídas nas negociações que definem quem cuida de quem, quem deve cuidar, quem merece ser cuidado; enfim, qual é a dinâmica social que predomina. (Mon; Longhi, 2020, p. 13).

Maria Puig de la Bellacasa (2017) reforça que o cuidado, enquanto “ambivalente em significado e ontologia” (p. 1, tradução minha), tem sido estudado, em suas práticas e princípios, em diferentes domínios e em localizados cenários; incorrendo, portanto, em “contribuições específicas para a compreensão e os significados do cuidado, revelando como o cuidar implica diferentes relacionalidades, questões e práticas em diferentes configurações.” (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 3, tradução minha).

A partir de tal diversidade de possibilidades de estudar o cuidado, esta pesquisa se propõe a focar em como este tem sido tratado no campo do Science

and Technology Studies (STS), área que vem desenvolvendo um número crescente de estudos sobre o tema. (Mol *et. al*, 2011).

Annemarie Mol, assim como Pols (2006, 2009, 2010) e Moser (2010) são algumas das autoras da STS que têm se dedicado a pensar as práticas de cuidado de forma localizada - objetivo esse que se substancializa na publicação da coletânea intitulada *Care in Practice: On Tinkering in Clinics, Homes and Farms* (Mol; Pols; Moser; Pols, 2010), da qual as três pesquisadoras realizam o trabalho de edição.²

Na obra *The logic of care: health and the problem of patient choice*, Mol (2008) busca compreender como as múltiplas versões da diabetes são *feitas existir* (*enacted*) pelas práticas desenvolvidas por pacientes e profissionais da saúde de um hospital na Holanda. A partir disso, discute o que seria o bom cuidado (*good care*) no cenário da clínica, partindo da articulação da lógica do cuidado (*logic of care*) e da comparação crítica desta com a lógica da escolha (*logic of choice*).

Enquanto o cuidado do qual Mol (2008) trata se faz existir no cenário da consulta e fruto de uma análise das práticas médicas, Maria Puig de la Bellacasa (2017), partindo de uma perspectiva feminista dentro da STS, pensa no cuidado a partir de uma etnografia das práticas de atenção e relação com o solo em comunidades de permacultura. Sua obra convida à exploração do significado do cuidado - sua rearticulação e reconcepção - para pensar e viver em mundos feitos existir pela agência humana e não humana, incluindo outros animais, objetos, coisas, organismos, seres vivos, forças físicas e entidades espirituais. (ibidem).

Tanto Mol como Puig de la Bellacasa são tributárias de Bruno Latour e da teoria que este inaugurou, a Teoria Ator-Rede (TAR). As etnografias levadas a cabo pelas autoras partilham, portanto, do reconhecimento da agência dos atores não-humanos e a associação destes com outros agentes - tanto humanos como não-humanos - em redes. (Latour, 1994; Mol, 2002, 2008; Puig de la Bellacasa, 2015, 2017, 2019).

Ainda sobre a TAR, é uma teoria social centrada nos estudos de ciência e tecnologia, na qual os actantes

(...) are heterogeneous in that they include both human and non-human entities, with no methodologically significant distinction between them. Both

² Para discussões contemporâneas sobre o cuidado na antropologia, ver Alber & Drotbohm (2015) e Thelen (2021).

humans and non-humans form associations, linking with other actors to form networks. Both humans and non-humans have interests that cause them to act, that need to be accommodated, and that can be managed and used. (...) That is, in order to form part of a network, an actor must be brought to bear on other actors, so they must be brought together. Moreover, they must be brought together so as to work together, which may mean changing the ways in which they act. (Sismondo, 2010, pp. 81 e 82).

A partir da condução de uma revisão bibliográfica, esta iniciação científica se propõe a investigar comparativamente como a noção de cuidado aparece nas obras de Maria Puig de la Bellacasa e Annemarie Mol, compreendendo este conceito como situado (Mol, 2008; Puig de la Bellacasa, 2017) e reconhecendo as diferenças entre os cenários os quais suas etnografias são realizadas. A pergunta que orienta o projeto é quais os pontos em comum em relação ao *fazer cuidado* em cenários distintos, como os etnografados pelas autoras? Mais especificamente, abordo o papel da agência mais-que-humana e da tecnologia no *enactment* da doença e do cuidado que discutem em suas obras.

1.3.: Revisão bibliográfica e Justificativa

“Care is a human trouble, but this does not make of care a human-only matter.” (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 2). Esta afirmação de Maria Puig de la Bellacasa, bem como suas implicações, são o ponto de partida para esta pesquisa, que pretende investigar comparativamente como o cuidado aparece em suas obras e nas de Annemarie Mol; e especificamente, como estas situam a agência mais-que-humana e o papel da tecnologia no fazer existir do cuidado.³

Uma definição muito conhecida de *cuidado* nas Ciências Sociais é debitada de Fisher & Tronto (1990), a partir da tentativa de construção de uma teoria feminista da Ética do Cuidado. Este seria:

[...] uma atividade da própria espécie que inclui tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar nosso ‘mundo’ para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso meio ambiente, e tudo em que procuramos intervir de forma complexa e autossustentável. (Fisher; Tronto, 1990, p. 40)

³ Não há tradução exata para o verbo “to enact”. Este pode significar tanto “performar”, “atuar”, “encenar” (Martin; Spink; Pereira, 2018), como também “fazer existir”, no sentido em que as práticas, para Mol, *fazem existir* uma realidade (Arendt; Moraes, 2013). Escolho, neste projeto, traduzir certas passagens com o primeiro significado, e outras, com o segundo.

Puig de la Bellacasa, em sua obra *Matters of Care: Speculative Ethics in More Than Human Worlds* (2017) parte de tal definição para propor uma expansão de seus significados. A autora atenta para o que estaria excluído do que é chamado de “nosso mundo”, sugerindo que reconheçamos a equivalente agência de atores humanos e não-humanos ao questionar: “what does caring mean when we go about thinking and living interdependently with beings other than human, in ‘more than human’ worlds?” (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 13).

É Bruno Latour, em sua obra *Jamais Fomos Modernos: Ensaio de antropologia simétrica*, publicada em 1991, quem inaugura importantes pressupostos teóricos para a STS e para as duas autoras as quais este projeto pretende debruçar-se. Em tal obra, tensiona o conceito de Modernidade, argumentando que a “Grande Divisão” entre natureza e sociedade, a qual se caracterizam as sociedades “modernas” em contraposição às “pré-modernas”, de fato, nunca existiu. Narra um duplo e complementar movimento da Modernidade: se, por um lado, há um conjunto de práticas de *tradução* que prolifera os “híbridos” de natureza e cultura; por outro, através de práticas de *purificação*, é criada uma cisão ontológica entre os humanos e os não-humanos. (Latour, 1994).

A proposta do autor é, portanto, a entrada no mundo não-moderno e a “redistribuição do humanismo”. A partir de um exame crítico das características dos modernos, dos pré-modernos e dos pós-modernos, Latour propõe algumas rupturas e continuidades com cada uma das tradições. Defende:

Podemos conservar as Luzes sem a modernidade, contanto que reintegremos, na Constituição, os objetos das ciências e das técnicas, quase-objetos que entre tantos outros, cuja gênese não deve ser mais clandestina, mas antes acompanhada passo a passo (...) (Latour, 1994, p. 133).

Rejeitando dos modernos, primordialmente, a cisão entre natureza e cultura, entre humanos e não-humanos, argumenta que o “humanismo só pode manter-se dividindo-se entre todos os seus enviados.” (ibidem, p. 136).

A partir dos escritos de Latour e reconhecendo que o cuidado do qual trata é feito em mundos-mais-que-humanos, Puig de la Bellacasa também o situa como relacional:

It speaks of care as a manifold range of doings needed to create, hold together, and sustain life and continue its diverseness. **This also means that an understanding of human agencies as immersed in worlds made of heterogeneous but interdependent forms and processes** of life and matter, to or not to care about/for something/somebody, inevitably does and undoes relation. (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 70, grifo meu)

A autora pretende não apenas enriquecer o significado do cuidado, como dar a ele uma posição de destaque no próprio fazer e conhecer dos estudos da ciência e tecnologia, propondo uma forma de *pensar com (o) cuidado*, o que ela nomeia como como um *ethos transformativo* (Puig de la Bellacasa, 2011, tradução minha). Valendo-se do conceito de Latour (2020) de questões de interesse (*matters of concern*), Puig de la Bellacasa propõe, em seu lugar, as “questões de cuidado”⁴ (*matters of care*):

The notion of ‘matters of care’ is a proposition to think with. Rather than indicating a method to unveil what matters of fact are, it suggests that we make of them what is needed to generate more caring relationships. It is thus not so much a notion that explains the construction of things than a suggestion on how those who study things can participate in their possible becomings. (Puig de la Bellacasa, 2015, p. 100)

A diferença fundamental entre as “questões de interesse” e as “questões de cuidado” é que a segunda nos direciona a uma noção de fazer, um cuidar que só pode se fazer como ação:

One can make oneself concerned, but ‘to care’ more strongly directs us to a notion of material doing. Understanding caring as something we do extends a vision of care as an ethically and politically charged practice, one that has been at the forefront of feminist concern with devalued labours. (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 42).

O que a autora propõe como “pensar com o cuidado” se mostra em seus estudos sobre permacultura e tratamento do solo (Puig de la Bellacasa, 2015, 2017, 2019). Explorando as tensões entre a temporalidade produtivista do “progresso” e a necessidade de garantir o tempo de renovação do solo, a autora propõe e discute o que chama de “tempo do cuidado” (*care time*). Esta noção parte da concepção do solo como uma teia viva de interações interdependentes entre distintas espécies: plantas, protozoários, algas, fungos, bactérias, artrópodes, seres humanos.

Um “pensar com o cuidado”, neste caso, considera não apenas como o solo presta serviços e “recursos” a seres humanos, como também para como e o quê os

⁴ O verbo “to care” pode ser traduzido tanto como “cuidar”, “assistir”, como “importar-se com”.

seres humanos estão fornecendo à teia de interações a fim de mantê-la e repará-la (Puig de la Bellacasa, 2015). A consequência é, portanto, a necessária descentralização da temporalidade antropocêntrica em prol do reconhecimento da diversidade de temporalidades interdependentes dos agentes que “fazem” o “solo”:

To argue for a disruption of futuristic time through making care time is therefore not so much about a slowing or redirection of timelines but an invitation to rearrange and rebalance the relations between a diversity of coexisting temporalities that inhabit the worlds of soil and other interdependent ecologies. (Puig de la Bellacasa, 2015, p. 719).

Puig de la Bellacasa, que se apoia em uma perspectiva feminista sobre o cuidado, por sua vez, não nega as tensões e contradições que o termo carrega, uma vez que ele não é uma categoria “inocente”. O cuidar por vezes pode implicar em um regime paternalista de poder e controle sobre aqueles que cuidam ou que são cuidados (Puig de la Bellacasa, 2012, 2015). Doravante, sua proposta é que o consideremos em três dimensões coexistentes, mas que não se distribuem igualmente em todas as relações: a do trabalho (*labor/work*), a do (s) afeto(s) (*affect/affections*) e a ético-política (*ethics/politics*).

A autora, a partir de tal reconhecimento e da característica situada do cuidado (*situatedness*), tenta escapar de conceituá-lo de forma simplificada. É de se considerar que ele não é somente um trabalho - a ser valorizado e remunerado - ou um conjunto de sentimentos (amor, afeto, afeição...). A observação da autora está, portanto, em “ficar com o problema” (Haraway, 2016) não resolvido do cuidado e sustentar suas tensões:

Exploring the generic notion of care through a confrontation with the more than human worlds in which “staying with the trouble” appears as the only ethical option for knowledge mattering (Haraway, 2016) shows again the potential of care to create trouble in established logics, as well as possibility. (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 19)

Conhecer sobre a “ética prática” da permacultura através da etnografia de Puig de la Bellacasa nos incita a refletir sobre uma reorganização das relações humano-não humano a partir das obrigações do humano na criação de formas não-exploradoras de união e comunidade. (ibidem).

Também, Annemarie Mol busca repensar o cuidado, no entanto, parte da análise das práticas médicas em cenários situados para compor sua noção do

termo. A autora utiliza-se do conceito de *política ontológica* para argumentar a favor de como uma realidade é feita (*enacted*) através das práticas de diversos agentes associados em uma rede de interações. (Mol, 2002, 2007, 2008).

Segundo Law (2007), um conjunto de novos estudos da TAR, dentre estes, os de Mol, colocam de lado as metáforas de “estabilidade” e de “construção social” a partir de uma “força motriz” (*prime mover*) e dão ênfase à “performatividade” dos actantes - os quais todos desempenham seu papel, relacionalmente e num mundo heterogêneo. Estes se juntam “(assemble) e performam um conjunto de práticas que fazem existir uma realidade mais ou menos precária.” (Law, 2007, p. 13, tradução minha).

Doravante, Mol (2007) desenvolve a noção de *política ontológica*:

A combinação dos termos “ontologia” e “política” sugere-nos que as condições de possibilidade não são dadas à partida. Que a realidade não precede as práticas banais nas quais interagimos com ela, antes sendo modelada por essas práticas. O termo política, portanto, permite sublinhar este modo activo, este processo de modelação, bem como o seu carácter aberto e contestado. (Mol, 2007, p. 2).

Arendt e Moraes (2013) ao comentar a obra de Mol, ressaltam que, a partir da noção de política ontológica, ganha força a possibilidade “(...) de interferir na composição de mundos, fazendo proliferar versões onde se contem mais e mais atores, onde nem sempre o que se estabiliza é o que interessa.” (ibidem, p. 316).

As análises da autora realizadas em serviços de saúde buscam, portanto, compreender como as redes de actantes ali presentes performam (*enact*) realidades. O corpo, assim como a doença

que nós fazemos nesse cenário é feito por um “nós” amplo: vários tipos de pessoas e aparelhos estão envolvidos. O paciente, cujas artérias estão em jogo, participa ativamente no que é feito. (Martin, Spink, Pereira, 2018, p. 296).

Em *The Body Multiple: Ontology in Medical Practice* (2002), seu foco é na aterosclerose de membros inferiores, enquanto em *The Logic of Care: Health and the Problem of Patient Choice* (2008), a autora acompanha as práticas de atenção a pacientes com diabetes. Em ambos os casos, a autora busca a história contada pelas práticas - a praxiografia:

As long as the practicalities of doing disease are part of the story, it is a story about practices. A praxiography. The “disease” that ethnographers talk about is never alone. It does not stand by itself. It depends on everything

and everyone that is active while it is being practiced. This disease is being done. (Mol, 2002, p. 32)

É de se ressaltar que o foco não está em investigar as diferenças entre as concepções que pacientes e profissionais da saúde têm sobre “doença”, “saúde” ou “cuidado” e os possíveis conflitos que podem se fazer presentes nas práticas de atenção. Pelo contrário, seu argumento é de que a(s) realidade(s) não existe(m) de antemão e são feitas existir, performadas (*enacted*), modeladas, modificadas a partir de uma variedade de práticas.

É fundamental para a compreensão da obra da autora que o objeto “doença”, portanto, não seja concebido como uma realidade estática a ser observada através de diferentes “perspectivas”. As práticas de atenção empregadas conjunta e colaborativamente por pacientes e profissionais de saúde é que *fazem existir a doença*, que é, ontologicamente, múltipla:

Thus, unlike many other books on medicine and its processes, this one does not speak of different perspectives on the body and its diseases. **Instead it tells how they are done.** This means that the book comes to talk about a series of different practices. These are practices in which some entity is being sliced, colored, probed, talked about, measured, counted, cut out, countered by walking, or prevented. Which entity? A slightly different one each time. Attending to enactment rather than knowledge has an important effect: what we think of as a single object may appear to be more than one. (Mol, 2002, p. 7, grifo meu).

A partir desses pressupostos, é que a autora nos apresenta a lógica do cuidado e a lógica da escolha. A lógica da escolha, defende, coaduna com o ideal ocidental da escolha individual. Para tal, o bom cuidado supostamente se faz através da “livre escolha” do paciente - visto ou como um consumidor, ou como um cidadão, que decide por alguma das, já prontas, opções oferecidas pelos profissionais de saúde. (Mol, 2008). Enquanto isso, a outra lógica que propõe e articula, baseada em sua noção de cuidado, se dá a partir de outros princípios.

O cuidado, aqui, é interpretado não como “controle” da doença, uma vez que o corpo na qual esta está localizada é incontrolável e errático (Mol, 2009), e sim como um conjunto de atividades que não cabem ou se findam no momento da escolha do paciente por uma coisa ou outra, e sim, de um processo sempre inacabado de acompanhamento e práticas de atenção. Defende: “a lógica do cuidado não está preocupada com a nossa vontade e com o que podemos escolher, e sim com o que fazemos.” (Mol, 2008, p. 7, tradução minha). O cuidado, assim

como a doença, se faz existir através das práticas nas quais os actantes se engajam.

Uma vez que, reconhece a autora, estamos todas/os - não só os sistemas de saúde - embebidos/as em um mundo no qual a escolha individual é concebida como um valor primordial (ibidem), este presente projeto julga que conhecer como a noção de cuidado aparece na obra de Mol é uma atividade pertinente não só para os estudos da ciência e tecnologia, como também para a complexificação de discussões em outras áreas, envolvendo a humanização das práticas em saúde, que muitas vezes recorrem à centralidade de noções como “autonomia” ou “escolha informada” (Sodré; Merighi, 2012).

Um ponto em comum entre a proposta de Mol e Puig de la Bellacasa é o reconhecimento da agência mais-que-humana no *fazer* do cuidado. Enquanto Puig de la Bellacasa, em seus estudos sobre a permacultura, aponta para a rede viva de interações interespecíficas que fazem existir o “solo”, Mol, por sua vez, chama atenção para como, na clínica e fora dela, os pacientes associam-se a um conjunto de tecnologias relacionadas ao cuidado de suas condições em uma cadeia sociotécnica, envolvendo instrumentos como medidores de glicose, equipamentos de diagnóstico clínico, microscópios, centrífugas e outros muitos (2002, 2008).

Não se é possível mais pensar um cuidado sem a tecnologia, ou uma mera oposição entre estas, porque, nem as tecnologias envolvidas nas práticas são previsíveis ou governáveis, nem o bom cuidado pode existir sem elas. Mol atenta: “the care that I will come to talk about, is not opposed to, but includes, technology. And the technology that I will come to talk about is not transparent and predictable, but has to be handled with care.” (Mol, 2008, p. 5).

Portanto, investigar as similaridades e diferenças entre as pesquisas de Mol e Puig de la Bellacasa no que tange ao papel da tecnologia no cuidado pode colaborar para uma superação de uma suposta oposição entre essas categorias (MOL, 2008), uma vez que suas análises borram algumas divisões tidas como certas, como as características “fria” e “racional” da tecnologia, e o cuidado, “humano” e “afetuoso” (Pols; Moser, 2009).

Por fim, esta pesquisa pode contribuir para a compreensão e difusão dos escritos de ambas as autoras que, mesmo ainda não tendo suas principais obras traduzidas para o português, já têm sido lidas e citadas em obras de

pesquisadores/as brasileiros/as na antropologia (Da Silva, 2016; De Souza, 2020; Besen; Fietz, 2020) e em outras áreas do conhecimento (Arendt; Moraes, 2013; Spink, 2015).

1.4.: Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa de iniciação científica é investigar e relacionar como Mol (2002, 2008) e Puig de la Bellacasa (2015, 2017, 2019) mobilizam a noção de *cuidado* em suas etnografias, orientando-se pela pergunta: o que há de comum entre o *fazer cuidado* nos hospitais de atenção a pacientes crônicos e nas comunidades de permacultura?

Especificamente, pretende:

- a. Investigar qual a relação entre agência não-humana e o conceito de *enactment*, a partir dos resultados das etnografias de Annemarie Mol (2002, 2008);
- b. Compreender como as autoras apresentam e superam a questão da dualidade "tecnologia/tecnociência" versus "cuidado" em suas etnografias;
- c. Avaliar o papel dos seres humanos na ética do cuidado multiespécies das comunidades de permacultura etnografadas por Puig de la Bellacasa;
- d. Explorar a perspectiva feminista das autoras dentro dos estudos sociais da ciência e tecnologia.

1.5.: Plano de trabalho e Cronograma

Atividade x Mês	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Revisão Bibliográfica	x	x	x	x	x	x	x	x	x			
Análise de dados			x	x	x	x	x	x	x	x		
Escrita do relatório parcial					x	x						

Escrita do relatório final											x	x	x
Exposição em Eventos Acadêmicos													x
Reuniões de orientação	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

1.6.: Material e métodos e Resultados esperados

A fim de que se cumpram os objetivos propostos será realizada uma pesquisa estritamente do tipo bibliográfica com base, primordialmente, nas seguintes obras: “Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds” (2017), de Maria Puig de la Bellacasa; “The Body Multiple: Ontology in Medical Practice” (2002) e “The Logic of Care: Health and the Problem of Patient Choice” (2008) de Annemarie Mol.

Outras obras das autoras poderão ser consultadas e revisadas ao longo da pesquisa bibliográfica. Os critérios para escolha de tais serão: que tenham sido publicadas em português ou inglês; que estejam disponíveis na internet ou em bibliotecas virtuais e que tratem sobre o tema do cuidado. Além disso, bibliografias de outras autoras que se insiram no campo dos estudos sociais da ciência e tecnologia, e que tratam sobre temas pertinentes à pesquisa também poderão ser consultadas⁵.

A partir do material escolhido, faremos a análise dos dados para conseguir sistematizá-los ao longo do processo de pesquisa. Os resultados esperados são a apresentação de trabalho em congresso de graduação, a elaboração de trabalho de conclusão de curso e a escrita de artigo a ser submetido em revista de graduação.

⁵ Apesar da produção das autoras ser vasta, como esta pesquisa se trata de uma iniciação científica voltada ao tema do cuidado, optei por focar nas obras indicadas. No entanto, essa escolha pode abrir a possibilidade de explorar outras obras posteriormente.

O processo será acompanhado pela orientadora Profa. Catarina Morawska, do Laboratório de Experimentações Etnográficas (LE-E), cujos pesquisadores vêm conduzindo pesquisas na área de antropologia da ciência e da tecnologia, bem como pelo co-orientador Prof. Pedro Lolli do Laboratório de Etnologias Transespecíficas (LETS) da UFSCar, cuja pesquisa tem se voltado para o tema do cuidado e da relação humanos e outros que humanos - especialmente os objetos - no mundo ameríndio e que se oferece, assim, como um contraponto interessante à discussão visada por este projeto e, de maneira mais geral, ao debate empreendido pela antropologia da ciência e da tecnologia. Com isso, a ideia é intensificar os diálogos entre os grupos de pesquisa dos respectivos professores na UFSCar, aproximando os debates sobre cuidado focados, de um lado, na tecnologia, e de outro, nas agências outras que humanas entre povos ameríndios.

CAPÍTULO 2: Resenha

PUIG DE LA BELLACASA, Maria Puig. “Matters of Care: Speculative Ethics in More Than Human Worlds”. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

Em “Matters of Care: Speculative Ethics in More Than Human Worlds” (2017), Maria Puig de la Bellacasa propõe (re)pensar o cuidado enquanto categoria emaranhada no fazer e conhecer de mundos marcados pelas naturezas culturas (Haraway, 2021) e pela tecnociência.

A autora, que possui formação em filosofia continental contemporânea e em filosofias construtivistas, trabalha com questões transdisciplinares entre o Science and Technology Studies (STS), o pensamento feminista e a ecologia. Em suas palavras, a obra aqui resenhada é uma tentativa de “conectar uma tradição materialista feminista de pensamento crítico sobre o cuidado com debates sobre ontologias mais-do-que-humanas e práticas ecológicas” (2022, s.p., tradução minha)⁶. Suas reflexões se situam, então, na interface de dois campos: (i) o feminismo materialista investido nas discussões sobre as relações entre o cuidado e questões de gênero - com especial influência das autoras da ética feminista do cuidado⁷ e, (ii) o pensamento pós-humanista interessado nas relações entre humanos e não-humanos em mundos de naturezas culturas.

Além disso, a obra é fortemente atravessada por uma discussão sobre a ética especulativa. Muito influenciada pelo projeto teórico de feminismo e fabulação especulativas de Donna Haraway (2016), a autora se conecta a uma tradição feminista “na qual esse modelo de pensamento [especulativo] sobre o possível provoca a imaginação ética e política no presente.” (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 7, tradução minha). A aposta em uma ética especulativa do cuidado se mostra capaz de enlaçar, então, “o que pode ser” - os mundos possíveis a serem construídos - àquilo “aterrado no mundano possível, no fazer conectado com o cotidiano negligenciado.” (ibidem, p. 111).

⁶ Texto informado pela autora e disponível em:

<https://warwick.ac.uk/fac/cross_fac/cim/people/maria-puig-de-la-bellacasa/> Acesso em 18/05/2023.

⁷ Autoras importantes da ética feminista do cuidado são: Carol Gillian (1982), Joan Tronto (1990, 1993), Berenice Fisher (1990), Patricia Hill Collins (2000).

A divisão da obra se dá em uma introdução e outras duas partes - “Knowledge Politics” e “Speculative Ethics in Antiecolological Times” - a primeira, com três capítulos, e, a segunda, com dois. Nas páginas introdutórias e nos três primeiros artigos, somos apresentadas às discussões teóricas e conceituais as quais a autora parte, em especial, da filosofia da ciência e das políticas do conhecimento (*knowledge politics*). Puig de la Bellacasa revisita o estado da arte das discussões sobre ética e cuidado, com especial atenção às teóricas da ética feminista do cuidado, que, a partir dos anos 1980, deram destaque ao conceito a partir de sua “necessidade absoluta – e, portanto, ao valor – do trabalho do cuidado relacional para a sobrevivência e para a política.” (Martin; Myers; Viseu, 2015, p. 628, tradução minha).

É de se reconhecer a influência que tais autoras tiveram sobre o pensamento de Puig de la Bellacasa, que, mesmo não se propondo a dar uma definição circunscrita de cuidado - e defendendo, em consonância com Annemarie Mol (2008, 2010), outra importante autora do STS, sua característica de situacionalidade - parte da clássica definição do termo formulada por Joan Tronto e Berenice Fisher (1990), para expandir o que compreendemos como “nosso mundo” e descentralizar a agência humana:

[...] (o cuidado é) uma atividade da própria espécie que inclui tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar nosso ‘mundo’ para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso meio ambiente, e tudo em que procuramos intervir de forma complexa e autossustentável. (Fisher; Tronto, 1990, p. 40)

No primeiro capítulo, “Assembling Neglected Things”, a autora chama atenção para como as formas de conhecer e representar coisas possuem efeitos - práticos, afetivos e políticos - na produção de mundos. Questionando como a ciência escolhe o que é digno de interesse e atenção (e o que não o é), e quais implicações isso provoca, a autora propõe um estreito diálogo com Bruno Latour (2020) e seu conceito de “questões de interesse”, bem como com a discussão de Donna Haraway (2009) em torno da crítica feminista às formas de conhecer da ciência e sua noção de “saberes localizados”.

Para Puig de la Bellacasa, enquanto a proposta de Latour “sugere preocupação e consideração” pelas coisas negligenciadas pelo fazer científico,

pensar a partir das questões de cuidado “adiciona um senso de vínculo e compromisso” com aquelas (Flower; Hamington, 2022, p. 16, tradução minha), bem como indica maneiras de “reafetar um mundo objetificado” (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 64, tradução minha) e permite “reencenar as coisas de maneiras que geram possibilidade para outras formas de se relacionar e viver” (ibidem, p. 65, tradução minha). Ou seja, mais do que “preocupar-se com”, o cuidado se mostra capaz de enlaçar três dimensões: a do fazer, a de um estado afetivo e a da obrigação ético-política de manutenção das teias de vida constituídas por humanos e outros-que-humanos negligenciados nas nossas formas de representar os mundos que vivemos.

Já, no segundo capítulo, “Thinking with Care”, o diálogo com Donna Haraway se torna mais evidente. A partir da noção de “saberes localizados” (Haraway, 2009), e em interlocução com as obras “O Manifesto Ciborgue” (1985) e “O Manifesto das Espécies Companheiras” (2003), assim como com a teoria feminista do ponto de vista, de Sandra Harding (1991), Puig de la Bellacasa elabora sua proposta de um “pensar com cuidado” (“thinking with care”) em três movimentos: “thinking-with”, “dissenting-within” e “speaking-for”. Reforçando a defesa de Haraway (2021) de que “não existem sujeitos e objetos pré-constituídos” (Haraway, 2003, p. 6, tradução minha), o primeiro movimento é um convite ao reconhecimento de que todo pensar é um “pensar-com”, assim como aos compromissos que advém de estar em relação com um coletivo heterogêneo de produtores de conhecimento (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 75, tradução minha). Já, os movimentos “dissenting-within” e “thinking-for” atentam a uma concepção não-inocente de cuidado que nos insta a reconhecer implicadas nos dissensos, contradições e impurezas das relações que nos fazem. A autora, assim, nos convida à “ficar com o problema” (Haraway, 2016) dos inescapáveis perigos envolvidos nas nossas tentativas de pensar-com e falar-por entes não-humanos e “marginalizados”.

O capítulo seguinte, “Touching Visions”, explora as implicações para o “pensar com o cuidado” produzidas pelas tecnologias hápticas. O toque se constrói como uma questão de cuidado uma vez que, em contraste com a representação ótica - dominante na produção de conhecimento -, ele é necessariamente mútuo: o que toca é também tocado, borrando prévias suposições de uma clara separação entre “sujeito” e “objeto”. O abandono da concepção de um “mestre-agente” que se

apropriada de mundos inanimados carrega em si uma “ressonância ética”: “o que fazemos *em* e *para* um mundo pode voltar, reafetar alguém de alguma forma.” (ibidem, p. 115, tradução minha, grifo meu). A autora busca atentar para, enfim, um mundo “constantemente feito e refeito através de encontros que acentuam tanto a atração e proximidade, como a consciência da alteridade”. (ibidem, tradução minha).

Já, na segunda parte da obra, somos conduzidas através das experiências da autora em um treinamento sobre tecnologias de permacultura em uma comunidade em Bodega Bay (EUA) levado a cabo pelo Earth Activist Training (EAT), cuja uma das professoras era Starhawk, conhecida ativista do eco-feminismo e escritora neopagã.⁸ Os textos desta seção são construídos a partir dos dados etnográficos da autora, os quais se articulam com um conjunto de conhecimentos de outras fontes, principalmente da ciência do solo. Aqui, então, encontramos um cuidado “aterrado” (*grounded*), situado nos saberes, éticas e práticas que cuidam, reparam e mantêm uma rede viva, interdependente, e interespecífica formada por terra, humanos, microorganismos, minhocas, equipamentos e nutrientes.

No capítulo “Alterbiopolitics”, Puig de la Bellacasa destaca que, para o fazer da permacultura, não se opõem “práticas” de “princípios” - já que esses estão embebidos nas “relacionalidades mundanas concretas” (ibidem, p. 127, tradução minha) - nem “tecnociência” de “natureza” ou “afetividade”. Os praticantes estão, na verdade, interessados em “buscar por tecnologias alternativas que trabalham com mecanismos naturais e não contra eles” (ibidem, p. 128, tradução minha), tais como compostagem doméstica, metodologias para avaliação da saúde do solo, análise de micro-organismos, criação de minhocas, bem como técnicas de observação, toque e degustação do solo que produzem proximidade e senso de interdependência.

⁸Starhawk (1951-) é uma pensadora com longa história de ativismo nos movimentos ambientalista, anarquista e anti-globalização. A articulação inseparável entre a espiritualidade feiticeira de tradição wicca cultuada pela autora e suas práticas de militância feminista e ecológica a coloca em estreita interlocução com outras autoras, dentre elas, Isabelle Stengers e Donna Haraway, ambas importantes referências de Puig de la Bellacasa. Sztutman (2018), reconhecendo a relevância de Starhawk para o debate antropológico contemporâneo, destaca que a “proposta feiticeira” da autora aparece de forma relevante em “La sorcellerie capitaliste”, de Pignarre e Stengers, enquanto uma prática de contra-feitiço que, junto a outras formas de ativismo, é capaz de “desenfeitiçar [o sistema capitalista], criar novos possíveis por meio de novas formas de ação.” (2018, p. 350). Algumas obras de Starhawk são: “The Spiral Dance: A Rebirth of the Ancient Religion of the Goddess” (1979) e “Dreaming the Dark: Magic, Sex, and Politics” (1982).

O cuidado, portanto, como observa Puig de la Bellacasa, ganha sentido somente coletivamente: não enquanto uma relação entre “sujeito” cuidador e “objeto” cuidado (ou, ainda, o solo enquanto “recurso” escasso a ser “preservado” para fins humanos), e sim como uma “rede de relações descentralizadas e multilaterais (Stephenson; Papadopoulos *apud* Puig de la Bellacasa 2017, p. 165, tradução minha), nas quais, assimetricamente, circulam energia e nutrientes essenciais à manutenção de cada elemento individual da própria rede.

A autora reconhece, também, que na ética da permacultura - “embebida na interdependência de todas as formas de vida” - produz-se uma descentralização do humano ao “não considerar os humanos como mestres ou mesmo protetores, e sim como participantes da teia de seres vivos da Terra.” (Puig de la Bellacasa, *ibidem*, tradução minha). Uma “singular combinação de uma ética pessoal/coletiva” (tradução minha) que, subvertendo a ética do sujeito autônomo, pressupõe que nenhum indivíduo - ou espécie - existe por si só e a priori de todos/as os/as outros/as. Tal ética parece compreender, então, que não está em questão se aceitamos ou não nos abrir à contaminação, à co-constituição, à necessária dependência de nossas espécies companheiras (Haraway, 2021), uma vez que “já estamos misturados uns com os outros antes mesmo de iniciarmos qualquer nova colaboração” (Tsing, 2015, p. 29, tradução minha). O que está em jogo é se nós, pessoas humanas, engajamos em um “estado de reconhecimento de nossa vulnerabilidade perante os outros” (Tsing, 2015, p. 29, tradução minha) - e na indeterminação própria deste, e somos capazes de nos dispor a uma relação de responsabilidade, a partir de uma reconfiguração da ética, por todos os seres outros-que-humanos.

Isto posto, Puig de la Bellacasa defende que o movimento da permacultura seria, então, muito fortuito em exemplificar o cuidado enquanto cerne de uma outra biopolítica, ou seja, um movimento que “afirma e se engaja com redes mundiais de vida insurgentes e possibilidades contra as lógicas coloniais, ecocidas e capitalocêntricas predominantes nas lógicas da globalização” (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 165, tradução minha).

Neste sentido, as relações de cuidado a partir da ética da permacultura, nos revelam, também, formas de vivenciar o tempo que resistem à temporalidade produtivista. No último capítulo, “Soil Times”, a autora discute as múltiplas

temporalidades dos seres que compõem a comunidade do solo, e sua incompatibilidade com processos em favor da aceleração e aumento da produção. Cuidar da manutenção dos muitos ciclos de vida em jogo no solo implica que o humano seja deslocado da posição de consumidor ou produtor e esteja *em relação* com todos os outros entes em um mundo vivo significativo. Portanto, podemos pensar o cuidado da permacultura e outras tecnopolíticas, tais quais “redes de investigação e desenvolvimento de software livre, [projetos] de agricultura comunitária, de arquitetura coletiva e autogestionada, de luta pela democracia territorial” como projetos coletivos que evidenciam um novo paradigma ontológico do comum (Van Grieken, 2022, p. 69), buscando responder ao contexto de crise planetária.

Para Flower e Hamington (2022), Maria Puig de la Bellacasa se destaca como uma das autoras pioneiras em aplicar a teoria feminista do cuidado às discussões sobre naturezasculturas, “reunindo pensamento humanista e pós-humanista” (ibidem, p. 15, tradução minha). É evidente a influência das epistemologias feministas no projeto teórico da autora, haja visto a centralidade que ganham os temas da “corporificação (*embodiment*), relacionalidade (*relationality*) e compromisso (*engagement*)” (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 96) na produção de uma ética especulativa, assim como na resistência às concepções idealizadas e inocentes do cuidado. Já, do pensamento pós-humanista, a autora é fortemente influenciada por pressupostos que marcaram o campo do STS em geral: o princípio de simetria da Teoria Ator-Rede (TAR), cunhada por Bruno Latour (1994) - a escolha por uma análise social baseada no tratamento equânime e simétrico entre humanos e não-humanos - e o reconhecimento da agência não-humana enquanto produtora de realidades.

Navegando por tal transdisciplinaridade e incorporando o projeto especulativo em sua obra, Puig de la Bellacasa nos deixa com importantes questionamentos para pensar-fazer vidas possíveis enquanto habitamos um “estado global de precariedade” (Tsing, 2015): “que mundos estão sendo mantidos e às custas de quais outros?” (Puig de la Bellacasa, 2017. p. 44, tradução minha) e “para quais mundos o cuidado está sendo feito?” (ibidem, p. 65, tradução minha).

CAPÍTULO 3: Artigo

Título: Uma ética do cuidado multiespecífica frente à precariedade: diálogo entre Anna Tsing e Maria Puig de la Bellacasa

3.1.: Resumo:

Maria Puig de la Bellacasa e Anna Tsing são autoras que trabalham com etnografias multiespecíficas investidas no problema do Antropoceno. Embora com formações distintas e em diálogo com tradições teóricas diferentes, este artigo busca lançar luz a possíveis complementaridades entre seus trabalhos. Enquanto Tsing está interessada em seguir os rastros dos cogumelos *matsutake* e seus forrageadores nas bordas precárias do sistema capitalista, Puig de la Bellacasa coloca em diálogo pensamento pós-humanista e feminista para pensar sobre como uma ética do cuidado é feita na prática em uma comunidade de permacultura. A partir do conceito de “paisagem” (Ingold, 1993; Tsing, 2015, 2019, 2022), este artigo busca demonstrar as aproximações e distâncias entre as etnografias de ambas as autoras, pensar o problema da co-implicação humana nas distintas paisagens, bem como apresentar uma elaboração sobre as relações possíveis entre precariedade e cuidado a partir de seus dados etnográficos.

Palavras-chave: cuidado; precariedade; paisagem; Antropoceno; etnografias multiespecíficas

3.2.: Introdução

A pergunta “quais relações interespecíficas fazem a vida possível?” atravessa os trabalhos da antropóloga Anna Tsing (2015, 2019) e da filósofa Maria Puig de la Bellacasa (2017). A primeira volta sua atenção e sentidos às paisagens de perturbação criadas por humanos e não-humanos nas ruínas de ecossistemas deteriorados pela atividade industrial em diferentes localidades do globo, dentre eles, a floresta de pinus do Oregon (EUA) e nos bosques de satoyama do Japão. Já, Puig de la Bellacasa é guiada a pensar como se faz uma ética de cuidado multiespecífica através de uma imersão nas práticas e saberes de uma comunidade de permacultura conduzida pelo coletivo Earth Activist Training (EAT), em Bodega Bay (EUA). (Tsing, 2015, 2022; Puig de la Bellacasa, 2017).

Ambas observam e descrevem o florescimento de redes interespecíficas que fazem emergir “paisagens de habitabilidade mais-que-humana” (Tsing, 2015). Tanto nas florestas de *pinus* e *matskutakes*, como na comunidade gerida pelo EAT, os seres envolvidos estão interessados em como se produz e se mantém uma “sobrevivência colaborativa” (Tsing, 2015, p. 2, tradução minha).

Considerando a paisagem enquanto “objeto de pesquisa que nos mostra a heterogeneidade de projetos de fazer-mundo” (Tsing, 2019, p. 265), este artigo se propõe a refletir sobre as possíveis complementaridades nos trabalhos de Tsing e Puig de la Bellacasa, a partir dos respectivos focos na “precariedade” enquanto condição inerente a todas as formas de vida, mas aprofundada e tornada regra de nosso tempo (Tsing, 2015), e na “ética do cuidado” situada e multiespecífica que mantém teias de vida interdependentes (Puig de la Bellacasa, 2017).

A primeira seção discorre sobre as noções de “paisagem” e “precariedade”, utilizando as discussões de Ingold (1993) e Tsing (2019, 2015), além de apresentar as diferenças entre as obras de Tsing e Puig de la Bellacasa a partir das distinções que existem entre seus focos, cenários etnográficos e tradições teóricas. A seção “Cuidar da terra, cuidar das pessoas, devolver o excedente” apresenta o que é a permacultura, bem como qual a relação entre a ética e as práticas do cuidado do solo a qual observa Puig de la Bellacasa. “Viver-com nas ruínas” retoma a “precariedade” a fim de situar os matsutake enquanto interlocutores privilegiados da etnografia de Tsing e traçar aproximações entre a comunidade de permacultura e as florestas de matsutake. A seção seguinte, “Humanos como participantes da

paisagem” reflete sobre a co-implicação humana (Cabral de Oliveira, 2022) na feita co-criada, propriamente simpoietica das paisagens. (Haraway, 2016). E por fim, nas considerações finais, busco sintetizar o argumento de que uma leitura das autoras atenta às suas possíveis complementaridades revela tanto a existência de uma ética do cuidado multiespecífica frente à precariedade, como a necessidade do manejo desta em paisagens marcadas pelo cuidado.

3.3.: Paisagens de cuidado, paisagens de precariedade

A proposta de seguir e descrever associações colaborativas feitas nas bordas da globalização capitalista levam Anna Tsing à observação das *paisagens*. Estas se mostram ferramentas úteis para contar como são e como vieram a ser assembleias particulares de humanos e não-humanos, levando em consideração complexos processos socioecológicos - locais e globais - e a sobreposição de temporalidades que moldam paisagens.⁹

O conceito se afasta da noção coloquial de paisagem enquanto um objeto visual estático a ser contemplado e/ou transformado pelo ser humano (Ingold, 1993). Para Tsing, o termo carrega coletivos, múltiplas escalas e historicidade, além de envolver “geografias físicas, fenomenologias e compromissos culturais e políticos”. (2019, p. 129). Uma paisagem é feita (e refeita) por um conjunto de interações dinâmicas entre atores humanos e não-humanos, as quais envolvem tensões, negociações, cooperações e *fricções* em diferentes escalas (Tsing, 2004; 2015).

Neste sentido, são as paisagens danificadas que mais interessam a Anna Tsing. São justamente as ruínas do progresso capitalista - que produziu margens nas quais ecossistemas inteiros foram esgotados e meios de subsistência perdidos - que se mostram o limite da capacidade interespecífica de sobrevivência colaborativa. São paisagens limítrofes e de *precariedade*, em que a vida não encontra nenhuma promessa de estabilidade, mas que, mesmo assim, emerge.

A *precariedade*, defende Tsing, está em todo lugar. Atentando-se à dimensão dupla do conceito, esta é, ao mesmo tempo, uma condição da própria vida, “um

⁹ Neste artigo, traduzi o termo “assemblages” como “assembleias”. Esta escolha está em consonância com a proposta das pessoas tradutoras da obra “O Cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo” (Anna Tsing, 2022) de utilizar um vocábulo próprio do campo da ecologia da paisagem. Sobre escolhas de tradução da obra da Tsing para o português, ver mais em: *Nota dos tradutores* (Jorgge Menna Barreto e Yudi Rafael). In. TSING, A. O Cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. N-1 Edições, 2022.

estado de reconhecimento da nossa vulnerabilidade aos outros” (Tsing, 2022, p. 75), ou como aquilo próprio que nos abre à alteridade; como também um estado - material e afetivo - que é generalizadamente produzido e reproduzido pelo capitalismo neoliberal e suas articulações globais. Extinção de espécies e ecossistemas inteiros, cadeias de trabalho flexibilizadas, inseguranças produzidas pelos mercados, deslocamentos forçados: embora diferentes grupos humanos e não-humanos experimentem a precariedade de diferentes formas, ela é, longe de ser uma exceção a como o mundo funciona, a “condição de nosso tempo”. (Tsing, 2015).¹⁰

Se por um lado, os sonhos da modernização e desenvolvimento capitalista nunca deixaram nosso quadro de pensamento, mesmo quando a precariedade (e não o “progresso”) se mostra a regra, somos constantemente tomadas por certas narrativas do Antropoceno de tons apocalípticos, por vezes acompanhadas de soluções hipertecnológicas, bilionárias e importadas do Vale do Silício (Zylinska, 2018), as quais se apresentam como “alternativas infernais” (Stengers; Pignarre, 2005; Stengers, 2015).¹¹

“Pensar através da precariedade” permite uma observação mais atenta às formas de resistência colaborativas que têm sido feitas nas bordas indisciplinadas do capitalismo. Essas, que emergem ao mesmo tempo emaranhadas nas redes capitalistas, mas à revelia dos delírios do progresso e da acumulação, evidenciam que “a indeterminação também torna a vida possível” (Tsing, 2022, p. 64).

¹⁰ Millar (2017) traça uma genealogia do termo “precariedade” nos estudos sociais, lançando luz a como este é mobilizado em pesquisas com distintos focos, a ver condições de trabalho (Bourdieu, 1998) e identidade de classe (Standing 2011); mas, também concebido enquanto “um problema existencial comum e condição social da vida” (Millar, 2017, p. 4, tradução minha), como aparece nos trabalhos de Butler (2004) e Tsing (2015).

¹¹ É vasto o debate em torno do termo “Antropoceno”. Este foi cunhado por um pequeno grupo de cientistas no fim dos anos 1980, utilizado para caracterizar uma nova era geológica (“Antropos” - Homem; “ceno” - época), na qual “as atividades coletivas dos seres humanos (Homo sapiens) começaram a alterar substancialmente a superfície, a atmosfera, os oceanos e os sistemas de ciclagem de nutrientes da Terra.” (Rafferty, s.p., 2023, tradução minha).

Mesmo que o conceito tenha se difundido nos estudos antropológicos sobre ecologia e crise climática - e muitos significados e interpretações tenha ganho - há relevantes críticas tecidas a esse: desde tentativas de situar a generificação e a racialização da história do Antropoceno (e das soluções para suas crises) e o que permanece excluído da noção universalizante de “humanidade”, bem como a dimensão racial da geologia enquanto ciência que produz narrativas constitutivas do “Homem” (Ferdinand, 2022; Yousof, 2019; Zylinska, 2018). Além disso, outros termos foram propostos a fim de endereçar quais seriam os elementos e causas centrais das crises ecológicas; a propósito, “Capitaloceno” e “Plantationceno” (Haraway, 2016).

Nessa inflexão, Tsing pergunta: “o que resta?” Como esticar a imaginação política para além desse impasse, e fazer-vida em mundos de ruínas? São nas paisagens de *perturbação lenta* das florestas de pinus e matstutake que a autora forrageia respostas, descrevendo e narrando formas muito criativas e colaborativas de manejo da precariedade.

Em sintonia, o trabalho de Maria Puig de la Bellacasa também se debruça sobre como se dão as “sobrevivências colaborativas” multiespecíficas. Revela-se interessante, a partir das provocações de Tsing, seguir as pistas da etnografia de Puig de la Bellacasa, porque, diferentemente daquela, esta volta sua atenção à outra paisagem, uma marcada pelo cuidado. A autora vive uma experiência de mentoria e treinamento em práticas de permacultura guiada por voluntários do Earth Activist Training (EAT), projeto criado em 2000 por Starhawk (1951-) e Penny Livingston-Stark, com o intuito de expandir a militância em permacultura, assim como promover formações em técnicas e práticas permaculturais. Starhawk, uma das mentoras de Puig de la Bellacasa em seu treinamento, é uma pensadora com longa história de ativismo nos movimentos ambientalista e anti-globalização, cuja articulação entre a espiritualidade feiticeira de tradição wicca e suas práticas de militância feminista e ecológica a coloca em estreita interlocução com outras autorias, dentre elas, Isabelle Stengers e Philippe Pignarre (2005) e Donna Haraway.(2009).¹²

Elegendo como uma *questão de cuidado* as relações entre humanos e solos, Puig de la Bellacasa, assim como Tsing, imerge na paisagem buscando “histórias críticas que alimentem um sentido de possibilidade.” (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 126, tradução minha). Embora ambas as autoras etnografem paisagens, a primeira possui focos distintos da segunda, uma vez que está investida em explorar o cuidado enquanto uma “reconfiguração ético-política de relações ecológicas” (ibidem, 2017, pp. 125 e 126). Dando centralidade, então, às discussões feministas sobre a ética do cuidado, a autora é levada a observar como a permacultura faz existir paisagens constituídas e mantidas através de uma ética do cuidado situada. Segundo Puig de la Bellacasa (2022), sua principal obra, “Matters of Care: Speculative Ethics in More Than Human Worlds” (2017) é uma tentativa de “conectar

¹² Sobre o EAT, ver mais em: <<https://earthactivisttraining.org/>> Acesso em 18 de junho de 2023.

uma tradição materialista feminista de pensamento crítico sobre o cuidado com debates sobre ontologias mais-do-que-humanas e práticas ecológicas” (s.p., tradução minha). Na intersecção entre o pensamento pós-humanista e o feminista, a autora tem como referências as autoras da ética feminista do cuidado, como Carol Gillian (1982), Joan Tronto (1990, 1993), Berenice Fisher (1990) e Patricia Hill Collins (2000).¹³

Cada autora observa e narra, de acordo com suas paisagens etnográficas, assembleias mais-que-humanas que emergem de encontros contaminados que fazem a vida possível. Na comunidade de permacultura gerida pelo EAT, como nos mostra Puig de la Bellacasa, a sobrevivência colaborativa se faz através de uma ética-prática do cuidado.

3.4.: Cuidar da terra, cuidar das pessoas, devolver o excedente

A permacultura é um movimento global, com muitas variações locais. Há, portanto, mais de uma definição do que ela é, bem como quais são seus princípios éticos, como se organizam tais comunidades ou, até mesmo, qual o papel do ser humano nessas assembleias. Puig de la Bellacasa narra sua experiência em uma comunidade específica de permacultura, no ano de 2006, localizada em Bodega Bay (EUA), conduzida pelo coletivo Earth Activist Training (EAT). A definição presente no site de tal grupo diz que:

A permacultura é um design ecológico que visa criar sistemas que atendam às necessidades humanas enquanto regeneram e curam o ambiente ao nosso redor. Faz isso aplicando um conjunto de ética e princípios que nos orientam na concepção de conexões, fluxos e relações benéficas entre vários elementos, seja em um jardim, um edifício ou uma organização, e imitando a maneira como a natureza funciona. (...) A permacultura favorece soluções de baixa tecnologia que capacitam pessoas comuns a assumir a responsabilidade por suas próprias necessidades e impactos. Nosso objetivo é mais do que sustentabilidade: trabalhamos para abundância, regeneração e cura. (Earth Activist Training, What is Permaculture?, s.p., tradução minha)¹⁴

Como observa a autora durante seu treinamento, a permacultura é uma bricolagem de saberes e práticas de diferentes áreas e fontes, como técnicas

¹³Para mais informações sobre as publicações de Puig de la Bellacasa, ver: <https://warwick.ac.uk/fac/cross_fac/cim/people/maria-puig-de-la-bellacasa/> Acesso em 18 de maio de 2023.

¹⁴Trecho retirado do texto “What is Permaculture?”, escrito e publicado no site oficial do Earth Activist Training: <<https://earthactivisttraining.org/what-is-permaculture/>> Acesso em 4 de julho de 2023.

indígenas de cuidado com o solo, a agroecologia, o design, a bioengenharia e a ciência do solo (Puig de la Bellacasa, 2017).

Embora nos materiais produzidos pelo EAT apareça uma concepção antropocêntrica de agência - que reitera uma cisão “natureza” x “cultura” ao dar ênfase à ideia de “biomimética” (“imitação da vida”) - na etnografia de Puig de la Bellacasa se desvela uma agência humana que é percebida como parte do que seus interlocutores chamam de “natureza”:

Isso significa que os seres humanos são participantes plenos do devir dos mundos naturais. No entanto, eles têm suas próprias tarefas mundanas - seus próprios modos naturalculturais de ser nesta relação. (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 148, tradução minha).

Para dar conta de desenhar a paisagem que a autora observa, ela evoca a imagem das “teias vivas” (“living webs”): uma rede de relações descentralizadas e multilaterais (Stephenson; Papadopoulos *apud* Puig de la Bellacasa, 2017, p. 165, tradução minha), pelas quais circulam energia e nutrientes essenciais à manutenção de cada elemento individual da própria rede, composta por micro-organismos, animais humanos e não-humanos, protozoários, fungos e plantas.

Na comunidade, as práticas de manutenção das teias de vida se fundem aos três princípios éticos que guiam a permacultura: “*care of earth*”, “*care of people*”, “*return of the surplus*” (“*cuidar da terra, cuidar das pessoas, devolver o excedente*”) ¹⁵. O interessante é que, como narra a autora, mesmo que o aprendizado sobre os princípios faça parte dos momentos iniciais dos trabalhos, seus interlocutores não falavam de forma extensiva e frequente sobre eles no restante do tempo. O foco era em aprender como o cuidado se incorporava nas práticas cotidianas de manejo do solo, ou, compreender o “cuidado como uma política e uma ética concomitantes às materialidades cotidianas da vida.” (ibidem, p. 126).

Por isso, não à toa a permacultura coloque como central em sua ética o cuidado. Essa, segundo a autora, é uma categoria capaz de enlaçar três dimensões: a do fazer, a de um estado afetivo e a da obrigação ético-política de manutenção das teias de vida constituídas por humanos e não-humanos: “o cuidado como

¹⁵ Tais princípios sofrem variações, circulando, por vezes, como “Earthcare, Peoplecare, Fairshares”.

trabalho concreto de manutenção, com implicações éticas e afetivas, e como uma política vital em mundos interdependentes.” (ibidem, p. 5).

Na paisagem que observa Puig de la Bellacasa, então, o que faz a vida possível naquelas circunstâncias é o cuidado - e este não é excepcionalidade humana. Estamos em relações mútuas de cuidado em que os humanos não estão no centro, ou atuando enquanto “mestre-agentes”. Neste sentido, tal ética perturba a concepção de um “sujeito autônomo” porque parece reconhecer, em consonância com Tsing (2015, 2022), a interdependência e a necessária condição de precariedade sob a qual a vida se torna possível.

Isso não significa, porém, que não existam diferenças entre as muitas agências em jogo, e nem que não haja obrigações éticas específicas reservadas aos humanos. Como mostra a autora, as noções de “excedente” e “abundância” permeiam o léxico da permacultura e, talvez, a produção intencional de um excedente da vida, bem como sua circulação e compartilhamento, seja uma contribuição propriamente humana àquela assembleia mais-que-humana.

E, aqui, vale ressaltar que os permacultores não consideram tal excedente enquanto um rendimento a ser aplicado, especulado ou acumulado; pelo contrário, ele é produzido justamente para ser circulado e garantir que “a abundância seja nutrida”. (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 148). A abundância da qual fala a permacultura se distingue de um outro tipo produzida pelas práticas agrícolas capitalistas. Enquanto o modelo monocultor do agronegócio *produz* uma abundância que se faz existir através da destruição de múltiplas teias de vida e é medida quantitativamente pelas receitas milionárias de exportação, a abundância da permacultura opera na chave da *reprodução* da vida: as práticas de cuidado que possibilitam um “excedente” o direcionam eticamente em um movimento circular, de retorno às próprias teias que o fizeram ser.

Podemos pensar, então, a partir das reflexões de Tsing e de Puig de la Bellacasa, na permacultura enquanto uma forma de manejo - através de uma ética-prática do cuidado - tanto da precariedade inerente à vida, como de uma abundância propositalmente produzida. Em sintonia, nas etnografias de Tsing se desvelam de forma explícita margens marcadas por ruínas e esgotamento, nas quais humanos e não-humanos se arranjam cuidadosamente a fim de co-criar uma sobrevivência colaborativa em meio à múltiplas escalas de precariedade.

3.5.: Viver-com nas ruínas

Ao explorar as histórias multiespecíficas que se desenvolvem a partir da coleta dos cogumelos matsutake, Anna Tsing nos apresenta o encontro desses com os humanos forrageadores das florestas de pinheiro do Oregon, EUA. Tais fungos, nos narra a autora, sintetizam bem a concepção de precariedade. Enquanto espécie, curiosamente se mostra prosperar em paisagens esgotadas, tornando-se abundante em ruínas industriais já muito perturbadas pela ação humana - incluindo um histórico de intervenções do Serviço Florestal dos Estados Unidos, madeireiros e florestais. Enquanto mercadoria, muito valorizada na alta gastronomia japonesa, é capaz de emaranhar cadeias locais e globais de trabalho flexibilizado, comunidades marginalizadas de imigrantes asiáticos que se dedicam a sua coleta, políticas de Estado e flutuações de mercado.

Assim como na permacultura, as florestas de pinheiro do Oregon não são paisagens intocadas pelos seres humanos. Pelo contrário, nessas “as plantas e animais são parte de um regime humano de perturbação; eles têm uma história contaminada.” (Tsing, 2019, p. 24). A história de contaminação que tanto os matsutakes, como os forrageadores incorporam e contam mostra que estes são fruto de encontros sinérgicos - provocados por guerras, migrações, políticas neoliberais e degradação ambiental - e de escalas sobrepostas de precariedade, as quais precisam ser negociadas a fim de que as vidas na floresta sejam possíveis.

Aqui, também como na comunidade gerida pelo EAT, a ideia de um sujeito autônomo ou de um mestre-agente não tem espaço: o manejo da precariedade não pode ser feito isoladamente. São nas simbioses, nas coordenações e na dança conjunta entre linhas de vida humanas e não-humanas que se cria uma terra habitável: “candy stick¹⁶ e matsutake; matsutake e suas árvores hospedeiras; árvores hospedeiras e conjuntos de ervas, musgos, insetos, bactérias do solo e animais da floresta” (Tsing, 2019, p. 33). Embora os cogumelos façam parte de uma cadeia global de venda, exportação e consumo, esses existem somente quando em comunhão as suas espécies companheiras mais próximas, uma vez que “nada está conectado a tudo; mas tudo está conectado a algo” (Haraway, 2016; 2021).

¹⁶ Planta de nome científico *Allotropia virgata*.

Os matsutake, assim como os humanos, dispõem de técnicas colaborativas de manutenção da vida. Embora os interlocutores de Tsing não falem sobre uma ética do cuidado propriamente dita, sobreviver nas bordas indisciplinadas e precárias também demanda uma agência coordenada, obrigações específicas e percepção das necessidades vitais alheias. Os fungos, por exemplo, ao longo da História, foram os principais responsáveis pelo enriquecimento dos solos, o que permitiu o desenvolvimento de plantas terrestres. Por sua vez, isso fez com que outros tipos de fungos, como os matsutake, surgissem a partir da, agora possível, associação desses com as raízes de plantas (simbiose micorrízica). (Tsing, 2015b).

Neste sentido, os diferentes humanos que compartilham uma mesma paisagem com os matsutake se emaranham em uma teia de vida na qual eles não são imprescindíveis, mas estão implicados em seu fazer. Ao contrário do que o modelo de conservação ambiental de caráter preservacionista defende, há tipos de perturbação humana nas florestas que auxiliam seu reflorestamento. Kato-San, um interlocutor de Tsing comprometido com a revitalização dos bosques de *satoyama*, explica que a ação dos coletores de cogumelos cria, de forma não intencional, condições favoráveis para outros tipos de vida nas florestas. Quando os forrageadores saem em busca desses fungos, acabam por produzir uma erosão que descobre camadas mais profundas de minerais do solo, o que permite que os pinheiros tenham mais nutrientes disponíveis para sua germinação.

Nessa paisagem, a vida de humanos, pinheiros e matsutake estão imbricadas a partir de suas agências coordenadas que, não sendo necessariamente coerentes uma com a outra e frutos do completo acaso, produzem uma forma de viver-com (Haraway, 2016) capaz de manejar colaborativa e cuidadosamente as muitas camadas de precariedade.

3.6.: Humanos como participantes da paisagem

Talvez, se os forrageadores humanos das florestas de pinheiros desaparecessem hoje, os matsutake e os outros não-humanos que compõem a paisagem comunal continuassem emergindo. É possível que o mesmo acontecesse com os não-humanos que fazem os solos da permacultura, caso os humanos permacultores escolhessem abandonar tal atividade.

Aqui, me parece que a questão não é se os humanos são ou não necessários. E sim, o reconhecimento de que, em ambos os casos, estes estão presentes e profundamente co-implicados nas assembleias que tecem, na mesma medida em que os encontros tornados acontecimentos também os transformam (Cabral de Oliveira, 2022, p. 7). As contaminações narradas por Tsing “mudam quem somos enquanto abrimos caminho para os outros” (Tsing, 2015, p. 31, tradução minha), enquanto o cuidado observado por Puig de la Bellacasa, em consonância, não é um caminho de mão única: “aquele que recebe cuidado também coforma o cuidador.” (Puig de la Bellacasa, 2017, p. 219, tradução minha). No jogo da sobrevivência colaborativa, ninguém termina (nem começa) puro ou autocontido.

O conceito de “simpoiese” (“sim”, do grego “com” e “poiesis”, “criação”) cunhado por Donna Haraway (2016), em proposta à expansão da ideia de “autopoiese”, oferece boas imagens para a forma colaborativa de existência que os seres das florestas do Oregon e os da comunidade de permacultura constroem. “Simpoiese é uma palavra simples; significa ‘fazer-com’. Nada se faz sozinho; nada é realmente autopoietico ou auto-organizado.” (Haraway, 2016, p. 58, tradução minha). As simpoieses são teias de relações as quais não se entram exatamente, na mesma medida em que também não se saem, uma vez que um só vem a sê-lo enquanto com-o-outro.

Assim sendo, podemos elaborar as diferentes inserções dos coletores de matsutake e dos permacultores em suas respectivas teias. Em primeiro lugar, há questões de escala. A ocupação dos forrageadores está conectada a uma cadeia internacional de compra e venda de matsutake, ao passo que também faz circular o cogumelo em escalas menores, enquanto dádiva trocada a fim de criação de memória coletiva das comunidades nipo-americanas. Enquanto isso, a atividade dos permacultores, embora reconhecidamente um movimento que pretende ter impactos a níveis globais, tem como estratégia para isso atender necessidades locais. Isso implica em como se dá e se percebe a própria ocupação humana: os coletores praticam uma atividade temporária e precarizada, estabelecendo relações uns com os outros e com os não-humanos das florestas e dos mercados de matsutake também com a intenção de sobreviver economicamente. Os permacultores, por sua vez, trabalham voluntariamente e concebem como central de sua atividade uma ética do cuidado. Muitos coletores compartilham entre si um senso de pertencimento

étnico, enquanto a comunidade permacultora se organiza enquanto um coletivo com características políticas. E, por fim, há, claro, diferenças de técnica, uma vez que forragear cogumelos e cuidar de solos demandam diferentes usos do corpo e sentidos, instrumentos, conhecimentos e tecnologias. (Tsing, 2019; Puig de la Bellacasa, 2017).

Todos esses elementos fazem emergir paisagens diferentes. Porém, ambas as etnografias nos fornecem desenhos nos quais os humanos realizam “perturbações lentas” co-criadoras. Não são nem regentes, nem subordinados: são participantes de uma paisagem comunal situada, cuja reprodução depende de uma complexa interação de agência humana e outra-que-humana, a qual envolve aspectos simbólicos e materiais - como as concepções de ética, política, obrigação, cuidado, comunidade, etnia, memória; além de se conectar com outras várias escalas geográficas, políticas e econômicas.

Embora nem a precariedade, nem o cuidado sejam excepcionalidades humanas - ou seja, nem só humanos vivem a precariedade, como nem só esses são capazes de exercer cuidado e manter a vida - as vidas humanas estão implicadas na feitura das paisagens. Não somente em seu sentido mais básico ou fisiológico, mas também em tudo o que simbolicamente se produz e se se faz existir através de práticas e técnicas, uma vez que essas não incidem sobre a paisagem; elas são *parte constituinte* delas.

3.7.: Considerações finais

Anna Tsing e Maria Puig de la Bellacasa são autoras com formações distintas - a primeira, na Antropologia; a segunda, na Filosofia. Embora tenham interlocutoras em comum, como Donna Haraway, cada qual dialoga com diferentes tradições. Enquanto Puig de la Bellacasa conversa diretamente com uma discussão feminista sobre o cuidado, Tsing não está pensando em termos de ética, nem sobre cuidado. Enquanto isso, busca realizar uma “etnografia do capitalismo” (Cabral de Oliveira, 2022, p. 9) abordando seus problemas de pesquisa a partir da incorporação da historicidade, da sobreposição de escalas (temporais e geográficas) e de redes capitalistas transnacionais.

No entanto, ambas as autoras trabalham com etnografias multiespecíficas¹⁷, além de estarem pensando investidas no problema do Antropoceno. A imposição capitalista de um certo regime de temporalidade vinculada à noção de “progresso” dificulta que percebamos “o que está de fora” dessa grande narrativa que se pretende única. No entanto, as florestas de matsutake e as comunidades de permacultura nos mostram desenhos contaminados, de perturbação lenta e múltiplas temporalidades, que não estão desagregados do capitalismo; mas são capazes de produzir “manchas” onde agência coordenada e cuidado mais-que-humanos fazem frente às múltiplas escalas de precariedade impostas pelo capitalismo neoliberal. (Puig de la Bellacasa, 2015, 2017; Tsing, 2015).

Defendo que uma leitura dos trabalhos das autoras atenta a suas possíveis complementaridades fornece ferramentas interessantes para se pensar tanto a precariedade, como o cuidado em assembleias mais-que-humanas. As etnografias nos dão pistas para pensar que estes dois conceitos não são antitéticos: para manejar a precariedade, mesmo nas bordas indisciplinadas e em ruínas, uma ética do cuidado situada e compartilhada é necessária; assim como as vidas para as quais o cuidado se faz existir precisam de uma abertura à vulnerabilidade e à imprevisibilidade dos encontros.

E, embora a precariedade não apareça de forma explícita na paisagem de abundância da permacultura - nem no léxico ético de seus participantes, nem em como estes narram as finalidades de suas práticas - não significa que ela não exista ali e que não precise ser manejada com cuidado. Afinal, o movimento parte do reconhecimento de que vivemos, humanos e não-humanos, emaranhados em assembleias locais e globais de precariedade - social, econômica e ambiental; e que outras formas de garantia de habitabilidade que impliquem os modos humanos de estar e fazer-mundos são urgentes.

Isto, porém, não quer dizer que o cuidado ou a precariedade se façam existir da mesma forma nas florestas de matsutake e nas comunidades de permacultura. Em primeiro, porque diferentes paisagens são compostas por diferentes assembleias, que vieram a ser através de perturbações históricas: cada paisagem, em seu refazer, narra histórias únicas, ainda que com semelhanças. A

¹⁷Ver mais em: Kirksey e Helmerich (2010) e Kohn (2013).

situacionalidade (“situatedness”) do cuidado (Mol, 2008, 2010; Puig de la Bellacasa, 2017) nos ajuda a compreender como aquilo que se arranja produzindo um “bom cuidado” em um cenário, não necessariamente se reproduz em outro. O cuidado perturbado dos coletores de matsutake não é o mesmo dos permacultores, assim como as obrigações específicas que desempenham os fungos dos solos de abundância não são iguais às do matsutake, pois diferentes teias de vida demandam diferentes ações colaborativas de sobrevivência. Só se pode exercer conjuntamente um “bom cuidado” a partir das precariedades, vidas e possibilidades situadas de cada paisagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBER, Erdmute; DROTBOHM, Heike (eds). *Anthropological Perspectives on Care Work, Kinship, and the Life-Course*. Palgrave Macmillan, 2015.
- ARENDDT, Ronald João Jacques; MORAES, Marcia Oliveira. Contribuições das investigações de Annemarie Mol para a psicologia social. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 313-321 abr./jun. 2013.
- BESEN, Lucas Riboli; FIETZ, Helena Moura. Multiplicando a Micro: rastreando questões de interesse. In: FLEISCHER, Soraya; LIMA, Flávia (Orgs.). *Micro: contribuições da Antropologia*. 1ª edição. Brasília: Athalaia, 2020. p. 188.
- BOURDIEU, Pierre. *Acts of resistance: Against the tyranny of the market*. New York: The New Press. 1998
- BUTLER, Judith. *Precarious life: The powers of mourning and violence*. London: Verso. 2004.
- CABRAL DE OLIVEIRA, Joana. Prefácio à *O Cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo* (Anna Tsing). N-1 edições, 2022.
- COLLINS, P. H. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. 2ª Edição. Routledge, 2000.
- DA SILVA, Ana Cláudia Rodrigues. Políticas Ontológicas e Realidades Múltiplas: a doença falciforme performada na prática. In: revista ANTHROPOLÓGICAS Ano 20, 27(2):169-195, 2016.
- DE SOUZA, Érica Renata. Corpos transmasculinos, hormônios e técnicas: reflexões sobre materialidades possíveis. In: *Dossiê Tecnopolíticas de Gênero*. cadernos pagu (59), 2020, e205910. ISSN 1809-4449.
- FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São. Paulo: Ubu Editora, 2022.
- FISHER, Berenice; TRONTO, Joan. Toward a Feminist Theory of Caring. In: ABEL, E.; NELSON, M. (orgs.). *Circles of Care*. Albany, NY: SUNY Press, 1990. p. 36-54.
- FLOWER, Michael; HAMINGTON, Maurice. Care Ethics, Bruno Latour, and the Anthropocene. *Philosophies*, vol. 7, no. 2, 2022, p. 31. doi:10.3390/philosophies7020031.
- GILLIGAN, Carol. *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

HARAWAY, Donna. *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*. Prickly Paradigm Press, The University of Chicago Press, 2003.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, 2009, p. 7–41.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press, 2016.

HARAWAY, Donna. O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 1ª edição.

HARDING, Sandra. *Whose Science? Whose Knowledge? Thinking from Women's Lives*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

HILL COLLINS, Patricia. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. Routledge, 2000.

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya A. *Cuidado e cuidadoras: As várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas, 2012.

HIRATA, Helena. O trabalho do cuidado. *Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos*, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 53-64, 2016.

KIRKSEY, Eben; HELMERICH, Stephan. "The emergence of multi species ethnography". *Cultural Anthropology*, v. 25, issue 4:545-547. 2010.

KOHN, Eduardo. *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press, 2013.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica*; tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR, Bruno. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. In: *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 46, p. 173-204, jan.-jun. 2020.

LAW, John. *Actor-Network Theory and Material Semiotics*. Version of 25th April 2007. Disponível em: <http://www.heterogeneities.net/publications/Law2007ANTandMaterialSemiotics.pdf>. Acesso em 10 de março de 2022.

LINDÉN, Lisa; LYDAHL, Doris. *Care in STS*. Trondheim: *Nordic Journal of Science and Technology Studies*, vol. 9, n. 1, 2021.

MARTIN, A., MYERS, N.; VISEU, A. The politics of care in technoscience. *Social Studies of Science*, vol. 45, no. 5, 2015, p. 625-641.

MARTIN, D.; SPINK, M.; PEREIRA, P. Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado: uma entrevista com Annemarie Mol. *Interface: Comunicação, saúde e educação*. 2018; 22(64):295-305.

MILLAR, Kathleen. *Toward a critical politics of precarity*. Sociology Compass. Wiley, 2017.

MOL, Annemarie. *The Body Multiple: Ontology in Medical Practice*. Durham: Duke University Press, 2002.

MOL, Annemarie. Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. In: *Objectos impuros. Experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

MOL, Annemarie. *The Logic of Care: Health and the Problem of Patient Choice*. Abingdon: Routledge, 2008.

MOL, Annemarie. Living with diabetes: care beyond choice and control. In: *Perspectives*, vol. 373, May 23, 2009.

MOL, Annemarie; MOSER, Ingunn; POLS, Jeannette (eds). *Care in Practice: On Tinkering in Clinics, Homes and Farms*. Transcript Verlag, 2010.

MOL, Annemarie; MOSER, Ingunn; PIRAS, Enrico Maria; TURRINI, Mauro; POLS; Jeannette; ZANUTTO, Alberto. Debate Care in Practice. On Normativity, Concepts, and Boundaries. *TECNOSCIENZA Italian Journal of Science & Technology Studies*, v. 2(1), p. 73-86, 2011.

MON, Ana Domínguez; LONGHI, Marcia Reis. Apresentação. In: Dossiê “Os Cuidados” em sua dimensão prática e afetiva. *Áltera Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 3, n. 11, jul./dez. 2020.

MOSER, Ingunn. Dementia and the Limits to Life: Anthropological Sensibilities, STS Interferences, and Possibilities for Action in Care. *Oslo: Science, Technology, & Human Values*, v. 36, n. 5, p. 704–722, 2011. doi:10.1177/0162243910396349.

PIGNARRE, Philippe; STENGERS, Isabelle. *La sorcellerie capitaliste: pratiques de désenvoûtement*. Paris: La Découverte, 2005.

POLS, J. Accounting and washing: good care in long-term psychiatry. *Science, Technology & Human Values*, v. 31, p. 409–30, 2006.

POLS, Jeannette; MOSER, Ingunn. Cold technologies versus warm care? On affective and social relations with and through care technologies. *ALTER, European Journal of Disability Research*, v. 3, p. 159–178, 2009.

PUIG DE LA BELLACASA, Maria. Matters of care in technoscience: Assembling neglected things. *Leicester: Social Studies of Science*, v. 41, n. 1, p. 85–106, 2011.

PUIG DE LA BELLACASA, Maria. 'Nothing comes without its world': thinking with care. *The Sociological Review*, v. 60, n. 2, 2012. DOI: 10.1111/j.1467-954X.2012.02070.x.

PUIG DE LA BELLACASA, Maria. Making time for soil: Technoscientific futurity and the pace of care. *Lancaster: Social Studies of Science*, vol. 45, n. 5, p. 691–716, 2015.

PUIG DE LA BELLACASA, Maria. *Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

PUIG DE LA BELLACASA, Maria. Re-animating soils: Transforming human–soil affections through science, culture and community. In: *The Sociological Review Monographs*, v. 67, n. 2, p. 391–407, 2019.

RAFFERTY, John P. Anthropocene Epoch. *Encyclopaedia Britannica*. 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/science/Anthropocene-Epoch>> . Acesso em 23 de abril de 2023.

SISMONDO, Sergio. *An Introduction to Science and Technology Studies*. 2ª edição. Hoboken: Wiley-Blackwell Ltd. 2010.

SODRÉ, T. M., & MERIGHI, M. A. B. (2012). Escolha informada no parto: um pensar para o cuidado centrado nas necessidades da mulher. *Ciência, Cuidado E Saúde*, 11(5), 115-120. <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v11i5.17062>

SPINK, Mary Jane. Clientes, cidadãos, pacientes: reflexões sobre as múltiplas lógicas de cuidado na atenção à saúde. *Saúde Soc.* São Paulo, v.24, supl.1, p.115-123, 2015.

STANDING, Guy. *The precariat: The new dangerous class*. London: Bloomsbury Academic. 2011.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: Cosac e Naify. 2015.

SZTUTMAN, Renato. "Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers". *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, 69: 338-360. 2018.

THELEN, Tatjana. Care As Belonging, Difference, and Inequality. Published online: 26 May 2021. *Oxford Research Encyclopedias*. In.: <<https://oxfordre.com/anthropology/view/10.1093/acrefore/9780190854584.001.0001/acrefore-9780190854584-e-353#acrefore-9780190854584-e-353-div1-2>> Acesso em 31/03/2022

20

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. 284 p.

TSING, Anna Lowenhaupt. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177–201, 2015. DOI: 10.5007/2175-8034.2015v17n1p177. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n1p177>. Acesso em: 18 jun. 2023.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Tradução de Jorgge Menna Barreto e Yudi Rafael. N-1 Edições, 2022.

TRONTO, Joan C. Creating Caring Institutions: Politics, Plurality, and Purpose. In.: *Ethics and Social Welfare Volume 4, 2010 - Issue 2: Care Ethics: New Theories and Applications*. Pages 158-171 | Published online: 23 Jun 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/17496535.2010.484259>

YOUSSOF, Kathryn. *A Billion Black Anthropocenes or None*. University of Minnesota Press. 2019.

ZYLINSKA, Joanna. *The End of Man: A Feminist Counterapocalypse*. University of Minnesota Press. 2018.